

M Á R I O B A G G I O

a vida  
é uma  
palavra  
muito  
curta

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2024

a  
eternidade  
do  
instante



## Protegidos

Nem bem ouviram as primeiras notícias, apressaram-se como abelhas visitando um jardim perfumado na primavera. “Precisamos de um esconderijo seguro, e tem de ser rápido, essa coisa não pode nos pegar”, disse o marido. “Mas onde?”, perguntou a mulher. Olharam ao mesmo tempo na direção do quarto da empregada. “É lá, vamos depressa”, decidiu ele. Chamaram os dois meninos e explicaram tudo. Eles entenderam. Avisaram os respectivos chefes que, a partir de hoje, trabalhariam em home office. Informaram aos professores que as crianças não iriam ao colégio por uns dias, ainda não sabiam quantos. Ela se lembrou de ligar para a mãe e alertar sobre a situação, que não se preocupasse, seria por pouco tempo. “Não saia de casa, mãe, mande a Vanusa fazer as compras no mercado e fala pra ela usar máscara. Não receba visitas, esfregue álcool nas mãos. A gente ainda não sabe o que é, só sabe que é perigoso e mortal. Pelo amor de Deus, mãe, fique em casa, eu telefono todo dia pra mandar notícias.” O marido gritou: “Depois você

explica direito pra sua mãe, agora corre, me ajude aqui.”

Juntaram forças e começaram:

arrastaram a geladeira para o quartinho,

depois o fogão, dois botijões de

gás e um garrafão de água,

louças, talheres, panelas, micro-ondas, liquidificador,

um bom estoque de mantimentos

não perecíveis,

materiais de limpeza e higiene pessoal,

colchões, lençóis, toalhas,

cobertores e travesseiros,

alguns livros e várias mudas de roupa,

celulares, notebooks, tablets e os

respectivos carregadores,

“não esquece do papel higiênico, muito papel higiênico”,

“já peguei, lá no quarto tem os remédios

dos meninos, são duas caixinhas”,

puxaram e conectaram os cabos de telefone e wi-fi,

instalaram a televisão e o modem,

“pai, o meu Playstation”,

“corre, pega lá na sala, depressa”,

“tá calor, mãe, não tem ar condicionado aqui?”,

“claro que não, aqui é o quarto da Cleide, não tá vendo?”,

“mãe, a Cleide não vai voltar? Ela morreu?”,

“ela tá de férias e a gente vai ficar aqui por uns dias”.

Marido e a mulher fecharam a porta e vedaram cuidadosamente as brechas, fendas e rachaduras com fita crepe e silicone. Uma frestinha do vitrô ficou aberta pra não morrerem sufocados. Era preciso o máximo de cuidado e atenção: o ar se tornara pestilento.

Sentiram-se protegidos. Enquanto os filhos se divertiam com a mudança para o quarto da empregada, pai e mãe se olharam, apreensivos. Estavam suados e com medo. Não sabiam por quanto tempo ficariam confinados. Acomodaram-se nos colchões e procuraram manter a calma. Ligaram a televisão e a internet em busca de mais informações. De onde surgiu essa coisa? Como escapar dessa armadilha criada sabe-se lá como? Todo mundo tá em risco? O planeta inteiro? Perguntavam, perguntavam, e não encontravam resposta. Fizeram silêncio para ouvir as últimas notícias sobre a peste desconhecida.

O caçula tossiu.

## Arrebatado

Quase morto de sede, o homem implorou ao céu por chuva, mas não caiu uma gota. Olhou pra cima e não viu uma só nuvem, só luz e azul. Rogou uma praga. Perambulou pela estrada poeirenta, o sol na cabeça. Viu algo no meio do caminho: uma escultura de madeira que alguém jogou fora. Era um rosto, uma cabeça. Uma cabeça completa. O homem a pegou nas mãos e a acariciou. Limpou a poeira e viu surgirem uns olhos, um nariz, uma boca. Um rosto. O rosto de um santo? Ele não sabia. Beijou aqueles lábios, quis saber que gosto havia ali. Colocou a escultura de pé, encostada numa pedra, e tomou distância para avaliá-la por inteiro. Aproximou-se novamente. “Escute aqui, meu chapa”, começou a conversar, como se estivesse na frente de uma pessoa de carne e osso (é assim que um solitário faz com aqueles que não o ouvem, para que o ouçam: “Escute aqui, meu chapa”).

Pedi que mandasse chover. Não choveu. Pedi que saciasse sua sede. Não saciou. Por último, implorou que o livrasse da miséria. Continuou tão miserável quanto antes.

Desolado, contemplou a imagem, os traços rudes, grosseiros, talhados a canivete. Ia atirar a escultura longe, por inútil, quando percebeu um brilho rápido naquele olhar: o rosto também pedia por alguma coisa. Nos limites de sua madeira estropiada e do seu silêncio, implorava que alguém o encontrasse jogado por ali e o limpasse e lhe dirigisse orações. Suplicava que o adorassem como se adora um deus ante seu altar. Então o homem compreendeu tudo. Perdeu a sede, esqueceu-se de si e da chuva e dançou diante daquela carranca de madeira velha e carcomida. Dançou, dançou como arrebatado.



*E-mail:*  
msbaggio@bol.com.br



## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em ITC New Baskerville  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2024.

---